



O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO PARA COM ALUNOS FORA DA IDADE PADRÃO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I.

Thais Cristina de Souza ¹

INTRODUÇÃO

Ser professor(a) é desafiador e ser professor alfabetizador, das séries iniciais do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) é sobretudo uma incumbência provocadora, visto que é nessa etapa de ensino escolar formal que a formação do ser humano no mundo letrado deve ser iniciada/aprofundada. Dados divulgados no ano de 2019 pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), demonstrou como o Brasil se saiu nas avaliações realizadas no ano de 2018, pelo programa, com uma média de proficiência em leitura de “413 pontos, 74 pontos abaixo da média de pontos dos países membros da OCDE” (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

Documentos normativos trazem prazos para que a alfabetização ocorra. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), assim como o PNE (Plano Nacional de Educação), que estabeleceu na sua meta de nº 5, alfabetizar todas as crianças até no máximo o 3º ano do ensino fundamental. Já a BNCC(2017)(Base Comum Curricular), trouxe uma novidade ao estabelecer o 2º ano para que a alfabetização ocorra.

Ainda sobre o direito garantido constitucionalmente, o direito da universalidade da educação pública, como um direito público subjetivo de cada ser humano, obrigatório dos 4 anos aos 17 anos de idade, uma nova clientela ganhou espaços nas salas de aula regular, os chamados alunos com necessidades especiais.

Uma situação corriqueira tem ocorrido com regularidade nas séries finais do ensino fundamental I, ou seja no 4º e 5º ano, alunos que não conseguiram concluir com êxito o processo de alfabetização até o 2º ou 3º ano, e/ou alunos com NEE que somando a suas limitações e tempo específico para se alfabetizarem também chegam ao 4º/5º ano,

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, professora na rede municipal de Ilhéus-BA. thaislsv@hotmail.com;



por questões de idade avançada sem concluírem de forma satisfatória o processo de aquisição da língua escrita e oral, ou seja sem estarem alfabetizados. É sobre essa problemática que este relato propõe discutir.

Segundo SOARES (2017, p.16) nos diz que:

...É preciso diferenciar um processo de *aquisição* da língua (oral e escrita) de um processo de *desenvolvimento* da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido. Não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização, designe tanto o processo de *aquisição* da língua escrita o de seu *desenvolvimento*: etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever.

Assim neste estudo é tratado a especificidade da alfabetização como o processo de aquisição da língua escrita e oral, em seu sentido próprio e processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita, sem perder de vista que vai além do simples ato mecânico de transformar fonemas em grafemas (codificar) e grafemas em fonemas (decodificar), entendemos que a alfabetização deve estar essencialmente a serviço de práticas sócias de leitura e de escrita, ou seja deve está próxima do que ocorre não somente dentro dos muros escolares, mas no contexto externo, com caráter prático e utilitário, denominado no Brasil de letramento.

Portanto alfabetização e letramento são processos indissociáveis e simultâneos, o entendimento ao contrário pode levar a resultados indesejados, como podemos observar nas avaliações de cunho nacional e internacional. Este estudo não propõe discutir métodos de alfabetização, mas como dito anteriormente refletir acerca de experiência vivenciada como professoras do 4º e 5º ano, do ensino fundamental I ao perceber uma constante durante os anos de 2017, 2018 e 2019 em um escola da rede pública do município de Ilhéus-BA.

Uma quantidade significativa de alunos estão chegando a essas séries, sem alcançar as habilidades próprias das séries anteriores. Como ficam os alunos que não conseguem serem alfabetizados dentro do ciclo de alfabetização, ou seja até o 3º ano? Por vezes esses alunos chegam ao 4º e 5º ano por conta da idade já avançada, sem estarem alfabetizados, e ficam à margem do restante da turma que já encontram-se “alfabetizados”. Qual o papel do professor com tais alunos?



A rede municipal de ensino de Ilhéus-BA, adotou no ano de 2012, através da resolução Nº 1, de 20 de Abril de 2011 os ciclos de aprendizagem em sua organização curricular, visando superar os altos índices de evasão e principalmente de reprovação, oportunizar e respeitar aos alunos a sua individualidade em seu tempo de aprender, considerando que os tempos de aprendizagem são específicos em cada um. Políticas voltadas à redução da reprovação e evasão, começaram a ser pauta de discussões a partir de basicamente dois grandes fatores, por um lado a democratização do ensino e a abertura da escola para as massas populacionais e conseqüentemente por outro lado pelo alto índice de reprovação e evasão após a organização da educação escolar em grupos escolares com o regime de seriação, sendo promovido para a próxima série aquele aluno que alcançasse as metas estabelecidas para cada série.

O termo ciclo, ficou amplamente conhecido no Brasil a partir da década de 1980, quando no estado de São Paulo implantou-se o chamado Ciclo Básico de Alfabetização, o CBA que visava equacionar os problemas dos anos iniciais das crianças, no campo da alfabetização. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96 garante em seu Art. nº 23, a escolha de os sistemas organizarem suas escolas e seus currículos. A Rede Pública Municipal de Ensino de Ilhéus, através da resolução Nº 1, de 20 de Abril de 2011, em seu Art. 6º estabelece que “em sua organização curricular, está estruturada em ciclos de aprendizagem, organizados em períodos plurianuais, com a institucionalização da progressão continuada, respeitando o ritmo e o tempo de aprendizagem dos alunos” (ILHÉUS, 2011).

A partir do ano de 2012, a Rede Municipal de Educação de Ilhéus deixou de organizar o tempo e os espaços das suas unidades escolares no regime de seriação, com a aprovação e/ou reprovação ao final de cada série, instituindo a organização em ciclos de aprendizagem com a progressão continuada. No que se refere a alfabetização, a resolução fixou o seguinte entendimento: Art. 17:

Durante o Ciclo de Aprendizagem 2 (Ciclo da Infância) é preciso garantir que as crianças aprendam a ler e escrever com autonomia e compreensão, conquistando a base alfabética / ortográfica, operando matematicamente (as quatro operações), desenvolvendo as competências e habilidades de cada área do conhecimento pertinente a cada fase do Ciclo, conforme Projeto Pedagógico. (ILHÉUS , p.11 [2012])



A ideia de dos ciclos de aprendizagem tem como principal teórico o sociólogo suíço Philippe Perrenoud, divulgador dos conceitos de ensinar por competências e habilidades no Brasil a partir de década de 90, para esse autor, competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações)).

Segundo esse pesquisador, os ciclos de aprendizagem plurianuais são uma chance de o aluno ter mais oportunidades em amadurecer e desenvolver as habilidades necessárias, pois em vez de um ano ele passa a ter 2 ou 3 anos para recuperar e desenvolver o que não alcançou.

Muito questionamentos são feitos a respeito da eficácia dos ciclos de aprendizagem como alternativa eficaz para o antigo regime de seriação e para a superação dos problemas de reprovação e alfabetização dos alunos.

Entretanto PERRENOUD (2010, p. 2004) nos esclarece:

Os ciclos não constituirão um progresso e podem até mesmo agravar as desigualdades se não forem pensados desde o início como dispositivos de luta contra o fracasso escolar. É sua única razão de ser. Não se deve introduzir os ciclos porque isso é moderno, mas porque é eficaz. Ora, nenhuma estrutura é eficiente por si só. O essencial está na forma como ela é “habitada”.

Perround esclarece que a forma como o ciclo de aprendizagem é pensada e entediada, é fator essencial para o seu sucesso, ou seja os ciclos de aprendizagem deve ser compreendido como um “dispositivo contra o fracasso escolar”, caso contrário poderá ir no caminho contrário de seu objetivo, agravando ainda mais as desigualdades.

Uma concepção de ciclos de aprendizagem envolve uma concepção de avaliação formativa, no sentido de regulação das aprendizagens individuais dos alunos.

Um fato também marcante é que alguns professores culpam os próprios alunos, outras vezes culpam a família e por vezes esses alunos são precocemente apontados como possivelmente portadores de alguma necessidade especial ou dificuldade de aprendizagem.

Fato é que esses alunos chegam ao 4º e 5º ano, e após avaliações diagnósticas são contatados que estão aquém do esperado. E por isso precisam não de olhares julgadores, precisam sim acolhimento e de intervenções visando que possam avançar independente de quem a culpa e se são portadores de alguma necessidade especial, eles podem e tem o direito de aprender.



Esses alunos trazem uma compreensão já estabelecida de leitura e de escrita e aos professores do 4º/5º ano que os encontram em tais condições em situação não tão esperada, visto não estarem alfabetizados, cabe partir do que o aluno traz consigo, sua compreensão de mundo, suas histórias, seu contexto e através de uma reflexão crítica contextualizar o que o aluno vivencia e oportunizar práticas pedagógicas de inclusão perante o restante da turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alfabetizar na "idade certa", expressão utilizada por exemplo pelo programa Pacto pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, percebe-se que há o entendimento do tempo em que o aluno deve ser alfabetizado, pressupondo dessa maneira que, aqueles que não são alfabetizados em desvio do esperado. Essa ideia aponta que criança é capaz de ser alfabetizada até seus sete anos, de modo que, construa e domine o sistema de escrita adequado à sua idade.

Fato constatado, em sala de aula, a partir de vivências em sala de aula no município de Ilhéus, em turmas do 4º/5º ano, que alunos que não consolidam as habilidades de leitura e escrita dentro dessa idade tida como a certa, se tornam sujeitos que se sentem desmotivados, sem grandes expectativas nos estudos, carregados de julgamentos e olhares pelos seus próprios colegas de turma que, questionam a capacidade intelectual, pois percebem a defasagem em seu processo de aquisição da escrita e leitura. Diante disso, as angústias se tornam companheiras não apenas desses educandos, mas também dos professores, uma vez que, segundo os documentos oficiais do próprio município, o ciclo 3, fase I e II, não são considerados ciclos de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que os ciclos de aprendizagem hoje muito utilizados no Brasil, como alternativa à seriação, em busca de uma melhor organização do tempo e espaço do trabalho pedagógico pode sim ser ferramenta de inclusão na luta com as desigualdades que tanto assola a educação pública brasileira.



Para tanto, precisa ser compreendida pelos atores da escola como não mera substituição de uma nova nomenclatura para a organização do trabalho escolar, mais como uma alternativa eficaz de equidade em respeito aos plurais formas de aprender de cada aluno. É preciso repensar os ciclos, suas concepções, seus objetivos e acima de tudo como meio de oportunizar maior e melhor tempo e espaço aos alunos para se desenvolverem.

Palavras-chave: Alfabetização. Distorção idade/série. Ciclos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional: regulação e emancipação.** São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica.** Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: mar. 2020

BRASIL. **Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** 1996.

BRASIL-MEC. **Plano Nacional de Educação.** Brasília, 2011/2020.

ILHÉUS. **Resolução nº 1, de 20 de abril de 2012.** Fixa Diretrizes Operacionais Para a Organização e Funcionamento dos Ciclos de Aprendizagem no município de Ilhéus, em atendimento ao Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Ilhéus: Câmara Municipal, [2012]. Disponível em: www.ilheus.ba.io.org.br. Acesso em: 25 mar. 2020

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Relatório Brasil no Pisa 2018.** <Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf. Acesso em 09/02/2020.

MEC – Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na alfabetização: concepções e princípios.** Brasília: 2012.

PERRENOUD, P. **Os ciclos de aprendizagem; um caminho para combater o fracasso escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2004. In Revista Pátio - maio/julho 2004

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2017.